

A guerra entre as utopias e as distopias

Se estão mesmo interessados na minha história, o que é muito improvável, devem querer saber qual é o meu nome, quando é que nasci e quantos anos tenho. Eu chamo-me Holden, ou melhor, chamava-me. Eu mudei o meu nome. Agora chamo-me William. William Weatherfield é o meu nome. Há muitas pessoas que me perguntam porque é que eu mudei o raio do meu nome. Eu só mudei de nome por causa de Shakespeare. Ainda me lembro de quando eu li Romeu e Julieta, foi como se eu abrisse os olhos quarenta vezes mais. Eu percebi toda a tragédia que existia no mundo e também passei a gostar de romances.

Outro livro de Shakespeare que eu lembro de ter adorado foi A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca. A resposta à pergunta de quando é que eu nasci é difícil de explicar. É um bocado complicado fazer com que vocês acreditem, mas eu não sei em que ano é que estou, às vezes parece que estou em 1904 onde a utopia reina, mas às vezes parece que estou em 2540 onde a distopia reina. Não sei porquê, mas eu costumo dizer que 1904 é o ano da utopia e 2540 será o ano da distopia. Apesar de eu saber que a distopia e a utopia existem em qualquer altura. É estranho. É estranho, porque apesar de eu não saber o ano em que estou, eu sei qual é a minha idade.

Eu tenho quarenta anos, sete meses e três dias. Quando eu tinha acabado de fazer quarenta anos fiquei bestialmente deprimido. Fora de gozo, não sei qual foi a razão. Mas deixemos esse assunto. Eu vou apresentar-me melhor, vou falar sobre o que eu gosto e sobre os meus interesses.

O meu pintor preferido é o Henri Rousseau. Gosto muito das pinturas dele, porque ele consegue expressar artisticamente o que a linguagem verbal não consegue. Ele consegue exprimir com a maior simplicidade a complexidade. Costumo dizer que a mais bela simplicidade retrata a maior complexidade existente. O meu pensador e matemático preferido é o Bertrand Russell. Ele diz que todo o ato de inteligência é um ato de humor e eu concordo (não sei se já vos contei, mas eu era uma pessoa muito bem-humorada, mas deixei de o ser quando completei quarenta anos).

As minhas grandes paixões são a lógica, a música e Deus. O meu livro preferido é a Bíblia, tenho um conhecimento vasto sobre o que a Bíblia diz. YHWH diz que eu sou sábio

aos olhos dele, pois há um texto da Bíblia que diz “Sê sábio, filho meu e alegra o meu coração”. Sei que sou sábio aos olhos de Deus, porque eu alegra o seu coração.

Agora que já me conhecem um pouco melhor, vou contar o que é que aconteceu comigo, há cerca de uns quarenta dias. Eu tive um sonho perturbador e acordei a chorar. Foi o sonho mais lúcido e assustador que tive e o pior é que eu não consigo tirar esse sonho da cabeça. O meu sonho era sobre uma menina que estava de mal com os pais e com ódio do mundo; estava sempre a olhar-se no espelho enquanto dizia a si mesma que estava só e que queria morrer.

A menina devia ter mais ou menos uns quinze anos. Certo dia, ela não aguentava mais viver, por isso, subiu ao prédio mais alto que encontrou e decidiu saltar. A meio da queda a menina percebeu que a vida era importante, mas já não havia nada a fazer. O que me despertou a atenção foi ela ter gritado repetidamente o número quarenta. Toda a gente viu, mas ninguém ligou, só se via a hipocrisia humana, nada mais. Como se isso não bastasse, eu era uma personagem omnipresente, ou seja, não teria de ver só aquela tragédia, teria de ver toda a tragédia que existe no mundo. Quando despertei do sonho confirmei que o mundo é tão complicado, enquanto caía no choro, no suspiro e na dor.

De repente, ouvi uma voz muda que me sussurrou: quarenta...

Eu fiquei extremamente assustado, às vezes parece que o número quarenta está em torno da minha vida. Não sei se já vos disse isso, mas a primeira palavra que eu aprendi a dizer foi quarenta... Às vezes penso em tudo o que sei acerca do número quarenta. Só consigo lembrar-me de ser a minha primeira palavra e de várias passagens na Bíblia que têm o número quarenta. Este número é dos números que mais aparece na Bíblia.

Lembrei-me outra vez daquele sonho que eu tive. Gostaria de ter dito àquela menina que o que caracteriza a pessoa imatura é o desejo de morrer nobremente por uma causa, enquanto a pessoa já com maturidade se caracteriza por desejar viver humildemente por ela. Antes de eu saber a verdade sobre a Bíblia, eu questionava-me para que servia a vida se não a podemos aplicar no futuro, já que o nosso futuro é a morte? Qual é o objetivo da vida? Temos algum propósito para estarmos vivos ou estamos vivos por acaso? Será que nós precisamos de viver para matar ou de matar para viver? Não podemos simplesmente ter amor entre todos nós? Esse tinha sido o silêncio barulhento que me veio à cabeça. Felizmente tive a sorte de aprender a verdade sobre a Bíblia, fiquei muito feliz.

Como pessoa deprimente e solitária que eu sou, decidi ir ao café. Quando cheguei vi uma multidão. Pareciam pessoas desorientadas, como eu. Eram como ovelhas sem pastor. De repente vi uma senhora de uns trinta e sete anos. Fiquei imediatamente de olho nela, acho que me apaixonei... Os gestos dela eram lentos, delicados, harmoniosos e angelicais. Provavelmente foram os seus gestos que me atraíram. Perguntei-me a mim mesmo se era melhor continuar solteiro ou não. Cheguei à conclusão de que tudo é incerto, as pessoas nunca estão bem como estão, querem tudo o que não têm e não querem nada do que têm, logo o que quer que eu faça vou arrepender-me.

Quando ela se levantou, eu fui imediatamente atrás dela. Sei que foi precipitado, mas deu-me para aí. Eu comecei a conversar com ela, já nem me lembro de quase nada do que falámos, quero dizer não de tudo.

Passados cerca de quarenta minutos, disse-lhe que achava que estava apaixonado por ela. O seu gesto mudou completamente, o seu gesto angelical transformou-se em gesto de horror. Ela não me quis. Disse que eu estava a ser demasiado precipitado. E estava mesmo. Eu disse-lhe que precisava de um pouco de atenção, que achava que já não sabia quem eu era, só sabia do que não gostava e nesses dias tão estranhos ficava a poeira, que se escondia pelos cantos da minha alma.

Aquele era o meu mundo, o que é demais nunca era o bastante e a primeira vez era sempre a última chance. Ninguém viu onde eu cheguei. Os assassinos estão livres, porém eu não estou, eu não estava.

Tinha-lhe dito, que quando completei quarenta anos descobri que tinha uma doença incurável. Esqueci-me de vos contar isso... Na verdade, fui raptado. Quem me raptou tinha ar de pessoa simpática, apesar de ter feito aquilo. Parecia que não me queria fazer mal, às tantas fora obrigado... sabe-se lá. Profetizou que eu iria morrer quando tivesse quarenta anos e dez meses, ou seja, naquela altura restavam-me ainda dez meses de vida.

Ouvindo isto, Phoebe (que era o nome da tal) voltou ao seu gesto angelical. E eu disse-lhe que a amava. Depois de ter ouvido as minhas preocupações, disse-me que também me amava. Será que sim? Terá sido levada pelo seu lado emocional? Nunca saberei... Depois fomos dar um passeio à praia. Estava lá o homem que profetizou o meu fim. O nome dele era Winston. Então ele lançou-me um olhar provocante, era um olhar que eu nunca tinha visto. O seu olhar era surpreendentemente penetrante. Quando se põe a

olhar para alguém, é como se nós estivéssemos a cair num abismo sem fim. Aqueles olhos castanhos pareciam uma catástrofe natural, uma tempestade. Num movimento repentino ele correu até mim e matou a Phoebe.

O amor dói, ele só vem nas piores alturas. Mas afinal quem inventou o amor? Durante a conversa com a Phoebe descobri que ela não era o que eu pensava. Quem muda de atitude minutos depois de ouvir uma história de vida? E foi aí que eu percebi que a expressão “eu amo-te” é demasiado linda e poderosa para ser dita em vão. A distopia e a utopia estão sempre juntas, pois dentro de uma utopia há uma distopia. A árvore do mal dará frutos do bem, mas o fruto do bem é o mal.

É assim meus amigos.... Esta é a minha história. Faltam três meses para que se cumpra a profecia. Dá que pensar.... O número quarenta esteve omnipresente em todos os momentos importantes da minha vida e será ele também o meu carrasco.

Gostei de viver, gosto de viver. Vivam a vida!

Dante Jrhovah Russell, 8.º ano